

Artes visuais

Mostra “Pulsa”, de Avilmar Maia, inaugura calendário de exposições da Piccola Galleria da Casa Fiat de Cultura

Terreno das formas absurdas

■ CARLOS ANDREI SIQUARA

Em sua primeira mostra individual em Belo Horizonte, intitulada “Pulsa”, o artista mineiro Avilmar Maia reúne trabalhos que dialogam com o universo da psique humana e podem ser vistos na Piccola Galleria da Casa Fiat de Cultura. O conjunto de 19 obras abre o calendário de mostras do espaço, que é voltado para novos talentos.

“A palavra ‘pulsa’ vem de ‘pulso’, que é um termo freudiano (cunhado pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud). Venho pesquisando esse conceito, que Freud define também como uma energia de vida”, comenta Maia, que tem formação em medicina e especialização em psiquiatria e psica-

nálise.

Em comum, as criações concebidas por ele surgem a partir da apropriação de peças e brinquedos, que muitas vezes remetem a personagens difundidos na cultura de massa. “É como se a pulsão de vida retornasse a esses objetos, agora reconfigurados, dando vida a eles, mas em outra perspectiva”, completa Maia.

Criada em 2017, a série joga com a familiaridade, mas também com o estranhamento, ao basear-se na desconstrução de imagens que são vastamente compartilhadas pelo imaginário coletivo. “Esses objetos fazem parte do nosso mundo, da nossa imaginação desde a infância. Mas eles passam por um processo de desconstrução. Depois, eu os reconstruo a partir de uma certa brincadeira, sem muita intencionalidade. As princi-

pais questões ali estão nessa diversificação das formas que eu consigo fazer a partir dessas junções de peças”, comenta Maia.

Ele conta que tem produzido com esses materiais há apenas dois anos. “Eu comecei pela escultura, mas criando com resina, bronze, pó de mármore. Meu trabalho sempre teve essa relação com o tridimensional, não é tanto ligado ao desenho nem à pintura. Mas é mais recente que eu venho lidando com objetos. Acho que o artista vai trazendo esses elementos que são do seu tempo, refletem esse olhar para a contemporaneidade”, acrescenta Maia.

Cabeças de bonecas são associadas a corpos de animais, como na obra batizada “Esfinge”. Já em “Gaia”, o corpo de um boneco do Super-Homem é colado à cabeça de Minnie, personagem da Disney. Dessa forma, suas obras podem remeter à quimera, que é uma figura da mitologia grega, com natureza híbrida e constituída

com partes de diferentes animais. Ao darem vazão a essas configurações que superam o plano da realidade, as criações têm potencialidade, assim, de estimular a imaginação, convidando o espectador a estar diante do absurdo e do inalcançável.

PERCEPÇÕES. Além disso, Maia considera ser um papel também da arte contribuir para expandir as percepções do público, inclusive sobre o próprio inconsciente. “Quando nós vemos uma pintura como ‘O Nascimento de Vênus’ (de Sandro Botticelli), vemos toda aquela beleza, mas, às vezes, não nos atentamos a aspectos mais complexos e que podem estar menos visíveis. E eu considero que é preciso ver as obras de outra forma, além daquela apreciação da beleza. Eu penso que a arte também pode ter uma potência psíquica”, diz Maia.

“Ela pode nos

ajudar a vermos além daquilo que nos é apresentado. E a arte também pode ser capaz de nos abrir mais para o nosso inconsciente. Dessa forma, podemos ver, às vezes, aspectos que sem ela talvez fosse mais difícil de acessar. Eu noto uma função na arte nesse aspecto. Ela permite expandir mais esse olhar. A arte tem uma potência nessa capacidade de nos permitir – por meio dela –, acessar o nosso inconsciente, que é algo, às vezes, mais fechado”, conclui o artista.



“Esfinge”. Mescla entre partes de animal e de figuras humanas norteia processo criativo

Agenda

O QUÊ. Mostra “Pulsa”, de Avilmar Maia

QUANDO. Até 31.3; de 3ª a 6ª, das 10h às 21h; sáb. e dom., das 10h às 18h

ONDE. Piccola Galleria da Casa Fiat de Cultura (praça da Liberdade, 10, Funcionários)

QUANTO. Entrada gratuita



“Gaia”. Obras de Avilmar Maia baseiam-se em materiais cotidianos, como brinquedos e tecidos colecionados pelo artista, como nesta peça

FOTOS: DANIEL MANSUR/DIVULGAÇÃO



Acompanhe!

“A vida pré-histórica na telona” acontece no **Museu das Minas e do Metal** – no Circuito Liberdade, amanhã, às 19h30, com **entrada gratuita**. O podcast do debate ficará disponível, no portal do **Cinematório**.

Blockbuster. “Jurassic Park” (1993) foi um dos grandes sucessos de bilheteria de Steven Spielberg

Bate-papo

Filmes que mostram a pré-história em debate

■ GUSTAVO ROCHA

Ajudar o público a ter uma melhor compreensão de nossa pré-história é o que norteia “A vida pré-histórica na telona”, parte integrante do projeto Cinema & Ciência, que acontece no Museu das Minas e do Metal, amanhã. “Levar a vida pré-histórica para o cinema é positivo para conhecer o passado e despertar o interesse sobre o assunto. O tema provoca curiosidade, abre caminhos”, ressalta Cástor Cartelle, paleontólogo espanhol naturalizado brasileiro.

Cartelle estará também presente para o bate-papo junto com os editores do

portal Cinematório, Renato Silveira e Raquel Gomes. “Pelo viés do cinema, são filmes de ficção. Portanto, é tudo bastante fantasioso. Nem sempre o que acontece nas telas poderia acontecer na realidade da pré-história”, pondera Silveira.

Na lista de filmes que serão debatidos estão os clássicos “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick, “Jurassic Park”, de Steven Spielberg, e “A Árvore da Vida”, de Terrence Malick. A presença do professor Cartelle será justamente para esclarecer alguns aspectos fantasiosos presentes em tais obras e para debater outros. “Vamos tam-

bém falar sobre os homens das cavernas e sobre a humanidade na pré-história. Em ‘Jurassic Park’, por exemplo, sabemos que o clone de um dinossauro só existe naquele contexto. É uma realidade própria do filme”, diz Renato Silveira.

Parte do público esperado é jovem, já que muitas obras analisadas no debate são clássicos da infância e juventude, como os “Flinstones”, “A Era do Gelo” e “Bom Dinossauro”.

“A gente espera que tenha um público interessado não só no cinema, mas na ciência. A proposta é unir a arte com o conhecimento”, revela Silveira.